

Representações da mulher na Amazônia no século XIX

Luciana do Nascimento Pereira

Universidade Federal do Pará

Faculdade de História

Resumo:

A mulher em todo o século XIX passou por um período de insatisfação e desejos reprimidos pela sociedade e a Igreja Católica.

O século XIX era uma época em que a mulher aspirava ser útil muito além dos limites de sua casa, debater idéias e idéias e ter voz ativa na sociedade. Mais o que lhes era destinado, seria o casamento ou em outra opção a solidão. Inúmeras mulheres sonhavam com um bom casamento e lhes era imposto que essa era a única maneira de obter a felicidade. A vida da mulher nesse período consistia basicamente em ter uma educação para servir ao marido e ter boa aparência para sempre despertar o seu interesse. Ela sempre seria obediente a alguma esfera de poder, seja ao pai ou ao marido.

A educação feminina consistia em transformá-las em boas mães, donas de casa e de excelente conduta. A família acreditava que a educação além dos bons costumes e da conduta moral era desnecessário.

A Literatura deste período também representava o sexo feminino com valores do regime patriarcal, pois as mulheres eram as maiores leitoras das obras literárias do século XIX.

Deste modo, é interessante a compreensão de como era revelada a imagem da mulher na Literatura do período oitocentista e como era pautada e educação feminina na Amazônia no mesmo período.

Palavras-chave: mulher, século XIX, educação, literatura.

1. Introdução:

O presente artigo busca debater quais eram as representações da mulher na Amazônia no século XIX, com base em referências da Literatura do período em questão e da educação na Instituição de Ensino feminino da Igreja Católica na cidade de Belém, o *Asylo Santo Antônio*.

A educação do período era marcada pela presença do catolicismo, e as mulheres eram ensinadas de acordo com o que era viável para a Igreja, ou seja, longos espaços de tempo destinados ao ensinamento religioso, sendo que a oração negava o ingresso à educação por meio do conformismo.

Além da religião, as mulheres eram educadas conforme as práticas dos bons costumes e de como se portar diante da sociedade burguesa.

Deste modo, não havia uma instituição de ensino na Amazônia e no restante do Brasil que lhes oferecessem uma educação além de satisfazer as vontades do seu futuro marido e da sociedade, sendo sujeitas a conformação social e pessoal; ao contrário dos homens da família, que deveriam estudar e frequentar instituições de ensino no qual aprendessem a administrar os bens familiares.

Este artigo será estabelecido com base nas noções de educação feminina em Belém que se encontra no Instituto educacional *Asylo Santo Antônio* no período de 1870 a 1888 e na literatura de Camilo Castelo Branco na obra “*A mulher Fatal*” de 1870, buscando estabelecer de que modo era o imaginário da sociedade em relação à mulher no final do século XIX e quais foram às contribuições da educação a esse pensamento e de que qual maneira foi refletida na literatura.

2. A Educação em Belém no século XIX

Com base na educação do século XIX, é relevante a presença da Instituição educacional da Igreja na cidade de Belém, com destaque para o *Asylo Santo Antônio*, o mais importante Colégio Católico feminino da Amazônia. Estes eram colégios que educavam meninas órfãs e pensionistas, mais a educação era diferenciada pela classe social de cada uma. A instituição tinha modelo de civilidade européia com a idéia de necessidade moral para as mulheres.

O *Asylo Santo Antônio* tinha por objetivo educacional, controlar o comportamento por meio do Clero Católico através das religiosas de Santa Dorotéia que lecionavam na instituição. É interessante compreender o comportamento feminino aceitável pela sociedade por meio de um documento de D. Macedo Costa: “... ditava as regras básicas de comportamento das mulheres cristãs, naturalmente católicas, que, por sua vez, haviam de instituir as propostas e ações pedagógicas do clero regular no campo da educação feminina, na província de Pará.”

As obrigações para a mulher eram diversas, que impunham a ser submissa a sua família, a Igreja e a permanecer sempre em casa e a não terem uma vida social. O bispo D. Macedo Costa também ordenou os mandamentos para as mulheres casadas,

“Os doze mandamentos ensinados pelo bispo paraense às moças e senhoras de boa sociedade, forjavam muito mais que uma série de regras comportamentais¹”.

Esses mandamentos tornavam obrigatórias as mulheres casadas a serem totalmente submissas, não apenas ao marido mais a toda sua família e a aceitarem tudo o que lhes era imposto no casamento sem exercer nenhuma autoridade².

As mulheres viúvas também tinham ordenações para D. Macedo Costa, sendo que estas após o falecimento dos maridos viveriam dedicadas às orações e a Igreja, e teriam que dar mais exemplos de boa conduta à sociedade do que as mulheres casadas e as moças solteiras. Estas regras são ditadas conforme a sociedade da época.

No *Asylo Santo Antônio*, as pensionistas eram controladas pelas Irmãs Dorotéias e recebiam uma educação para serem dóceis, bem educadas e de bom caráter, de acordo com os preceitos que a sociedade estabelecia para as mulheres na época. Tinham aulas de literatura e artísticas, mais nenhuma disciplina fora aos limites do lar e ao que não era de interesse dos grupos sociais da sociedade de Belém e da Igreja.

Cada menina era ensinada conforme a sua classe social: as pensionistas a serem burguesas da sociedade e as órfãs ensinadas para o trabalho, mais sempre presente os preceitos da boa esposa para o marido. Era uma imagem da mulher passiva da sua situação, eram ensinadas a aceitar a dominação da superioridade masculina.

3. A Literatura de Camilo Castelo Branco

No campo literário, a mulher no século XIX era representada como um ser inalcançável e com valores ideológicos do regime oitocentista patriarcal. Era atribuída a condição de causadora do sofrimento amoroso masculino, mais sempre com o aspecto de submissão dos códigos de conduta impostos pela sociedade.

Esses aspectos são notórios na obra de Camilo Castelo Branco³ “*A Mulher Fatal (1870)*”, onde a mulher é a causa do sofrimento amoroso masculino.

¹ ÁLVARES, Maria Luiza Miranda; D'INCAO, Maria Ângela (Org.). **A Mulher existe? uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia**. Belém: GEPEN/GOELDI, 1995. p.7. (Coleção Eduardo Galvão).

² Idem, ibidem. p.8.

³ Romancista português, além de cronista, crítico, dramaturgo, historiador, poeta e tradutor. http://pt.wikipedia.org/wiki/Camilo_Castelo_Branco.

Está presente a preocupação do autor com os leitores pensarem que o livro seja impróprio ou imoral para a leitura, pois estão expostos diversos códigos de conduta contrários ao que foi imposto na educação feminina, sendo que no romance, as mulheres que tomam a iniciativa na conquista são mal vistas aos olhos dos homens.

Um ponto relevante é que apesar ser evidente a submissão da mulher aos valores sociais, temos as mulheres sujeitos da ação e que são capazes de causar sofrimento amoroso ao homem, pois, muitas vezes ela é apresentada como fria e calculista.

Podemos perceber que apesar da mulher ser apresentada como suscetível aos fatos, ela produz a ação e muitas vezes não é tão sensível e conformada como as Instituições de Ensino da época pregam; a mulher é a protagonista de várias desventuras amorosas ao longo do discurso.

4. O papel da mulher no século XIX

A figura feminina no século XIX sempre teve um estereótipo de submissão e aceitação da situação no qual se encontrava perante a sociedade. Mais se deve pensar que a mulher nesse período, tinha certa autonomia, mais dentro das suas limitações, ou seja, uma autonomia moral e familiar dentro do seu lar.

De acordo com a referência literária de Camilo Castelo Branco *Mulher Fatal* e da educação no *Asylo Santo Antônio* é importante fazer uma análise de como era a literatura sobre o ponto de vista do autor masculino e como a sociedade compreendia a mulher na Amazônia. Era evidente como a mulher em sua conformação social, na obrigação de ser mãe e responsável pela educação de seus filhos era a imagem da educação religiosa presente naquele período.

A partir da educação nas instituições católicas, as mulheres tentavam exercer o que lhes era ensinado para que de alguma forma pudessem exercer alguma autoridade sobre os filhos e sobre a moral.

Podemos refletir que a mulher teria autoridade apesar da dominação eclesiástica, da sociedade e da sua dominação voluntária ao sexo masculino. Se o homem tinha poder sobre a mulher, ela teria também poder sobre o lar: “Haveria, entretanto, mulheres tão submissas e sem capacidade de ações autônomicas, nas suas

relações com o sexo dominante? Não cremos: Mesmo que subjetivando a dominação explícita nos discursos masculinos, e a apropriação dos mesmos pelas mulheres, permitia entre outras atitudes, o exercício de contra-poderes, tais como a autoridade moral e materna⁴”.

5. Considerações Finais:

“As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da História. O desenvolvimento da antropologia e a ênfase dada à família, a afirmação da história das «mentalidades» mais atenta ao quotidiano, ao privado e ao individual, contribuíram para as fazer sair dessa sombra”⁵.

A sociedade sempre se caracterizou por uma inferioridade da mulher e da superioridade social do homem e esta é percebida até os dias atuais. Isso ficou claro nas Instituições na Cidade de Belém e na obra literária romântica, mais esse processo foi alterado com a emancipação da mulher e a sua maior liberdade de expressão.

O sistema familiar e a educação na Amazônia foram alterados e, por conseguinte a relação homem-mulher, ou seja, uma oposição a dominação e subordinação da força masculina. A mulher queria muito mais que apenas ser sujeito dos fatos históricos, queria participar ativamente e não apenas se restringir a ser mãe e dona-de-casa.

Mais no século XXI ainda nota-se a presença da submissão da mulher em relação ao homem, mais hoje os motivos são diferentes do início do século e a Igreja já não atua com muito poder de ideologia nas mentes femininas.

⁴ ÁLVARES, Maria Luiza Miranda; D'INCAO, Maria Ângela (Org.). **A Mulher existe? uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia**. Belém: GEPEN/GOELDI, 1995. p. 9. (Coleção Eduardo Galvão).

⁵ Georges Duby e Michelle Perrot, *Escrever a História das Mulheres*, in Christiane Klapisch-Zuber (Dir.), *História das Mulheres no Ocidente – A Idade Média*, Porto, Edições Afrontamento, 1990, p. 7.

Referências Bibliográficas:

ÁLVARES, Maria Luiza Miranda; D'INCAO, Maria Ângela (Org.). *A Mulher existe? uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEN/GOELDI, 1995. 234 p. (Coleção Eduardo Galvão).

BRANCO, Camilo Castelo. *A Mulher Fatal*. Terceira Edição. Revista e emendada pelo author. Companhia e Editora de Publicações Ilustradas.

Georges Duby e Michelle Perrot, *Escrever a História das Mulheres*, in Christiane Klapisch-Zuber (Dir.), *História das Mulheres no Ocidente – A Idade Média*, Porto, Edições Afrontamento, 1990.

OLIVEIRA, Lilian Sarat. *Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência*. Disponível em: < http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST27/Lilian_Sarat_de_oliveira_27.pdf>